

A LÍNGUA KRENAK: FONOLOGIA NÃO-LINEAR E ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS

Katia Nepomuceno PESSOA¹

RESUMO: Este artigo pretende discutir a importância de desenvolver uma análise da língua Krenak, última sobrevivente da família Botocudo, tronco Macro-Jê. Esta discussão faz parte do projeto de Doutorado, a ser desenvolvido nos próximos três anos, o qual se propõe a descrever a fonologia do Krenak, baseada em teorias não-lineares, além de fazer uma descrição de aspectos morfofossintáticos desta língua.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the importance of developing an analysis of the language Krenak, the last surviving language of Botocudo family, Macro-Jê trunk. It is part of a Doctorate Project, to be developed in the next three years, which proposes to describe the phonology of Krenak, according to non-linear theories, and also to make a description of morphosyntactic aspects of this language.

1. INTRODUÇÃO

Os grupos da família Botocudo foram vítimas de um dos mais violentos processos de repressão por parte do homem branco, o que resultou no desaparecimento de quase todos os membros desta família. Atualmente, os únicos representantes sobreviventes são os índios Krenak, que habitam a Aldeia Krenak, às margens das cidades de Conselheiro Pena e Resplendor, no estado de Minas Gerais. São conhecidos também por Aimorés, denominação dada pelos Tupí, e por Grén ou Krén, sua auto-denominação. No início do século XX, havia vários grupos de Botocudo na região entre Minas Gerais e Espírito Santo. Segundo Seki (1992), “em 1911 havia Pojichás, em São Mateus; Naknanuc e Nakrehes, no Aldeamento de Lages, às margens do Pancas; Jiporocas, no Posto Indígena Pepinuque; Munhagiruns, entre os Pancas e o São José; Nakrehes em Pancas e em Itueta e Gut-kraks, entre a serra de João Leopoldino, as cabeceiras do São João e o Pancas”.

Dentre estes últimos, os Gut-kraks dividiam-se em dois grupos inimigos: os Botocudo de Natividade do Manhuaçu, sob a liderança do capitão *Tijuqye Tetchuc* e os Botocudo da Lapa, chefiados pelo capitão *Crenac*, cujo nome terminou sendo adotado para distinguir o grupo. Embora essa denominação tenha se generalizado, a comunidade Krenak inclui representantes ou descendentes de outros subgrupo Botocudo, como os Nakrehé.

Os Krenak falam a língua Borum e fazem parte do grupo lingüístico Macro-Jê. Este tronco compreende um grande número de famílias, além da família Jê. Segundo Rodrigues (1986), não se tem evidências, em certos casos, sobre a filiação de certas famílias ou línguas a esse tronco, sendo a constituição do tronco Macro-Jê ainda naquela época bastante hipotética. O autor afirma também que pouco se sabe acerca da família Botocudo, realidade ainda hoje observada:

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP).

Da família Botocudo tenta-se hoje, com grande dificuldade, obter algum conhecimento da língua dos poucos sobreviventes que restam de dois de seus subgrupos, os Krenak e os Nakrehé, desarticulados e dispersos pela ação violenta dos que ocuparam suas terras e das próprias agências governamentais. (Rodrigues, 1986: 49)

2. KRENAK: REVISÃO DA LITERATURA E SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA

Os Krenak têm sido estudados desde o século XVI, por cronistas e jesuítas, ainda sob o nome de Aimorés. Como Botocudos existem várias documentações oficiais de caráter administrativo, além de relatos de viajantes, naturalistas, engenheiros, empresários e ainda em artigos de jornal ou outros trabalhos mais específicos sobre o grupo (Seki, 1992). Também lingüistas, como Charlotte Emmerich, Ruth Monserrat e Lucy Seki realizaram estudos acerca da língua Borun.

Há ainda vários outros estudos antropológicos realizados por pesquisadores das universidades da Bahia e de Minas Gerais, além de trabalhos de produção de vídeos em parceria com membros da comunidade, todos com o objetivo de conservar e revitalizar aspectos da cultura e da língua do grupo Krenak (www.socioambiental.org).

Quanto à situação da língua, Rodrigues (2007)² considera a língua Krenak como uma língua ainda sobrevivente, mas “com falantes terminais”. Na verdade, a realidade lingüística dos Krenak, já há cerca de três décadas atrás, refletia uma língua em limites de desaparecimento completo. Segundo Seki (1992), a língua se encontrava, no início da década de 80, em limites de extinção, apresentando apenas cerca de 15 falantes - em graus diferentes de domínio da língua e com idades acima de 40 anos. A pesquisadora observou também que entre a comunidade mais jovem, alguns podiam compreender, mas não falavam e que as crianças que freqüentavam a escola eram alfabetizadas em português. Já nesta época, podia-se afirmar que a língua não apresentava mais as funções de linguagem na comunidade, que se comunicava predominantemente em português, mas que, de qualquer maneira, ainda apresentava uma “função de solidariedade grupal”.

O vasto material lingüístico coletado por Seki para seus estudos sobre os Botocudo, no início da década de 80, resultou em alguns artigos bastante elucidativos sobre a história dos Botocudo e também sobre a língua Krenak. Este material consiste em gravações que tiveram como informante principal a Ngut-karak Sebastiana de Souza, já falecida, mas, na época, com cerca de 70 anos de idade, que era considerada como a falante mais competente do grupo. Conta-se também com outros três falantes adultos, com idades entre 40 e 50 anos, que foram: José Anato, sobrinho de Sebastiana, Antônio Jorge e Jovelina.

A utilização de tais dados se mostra interessante porque, além de inéditos, estes refletem uma situação da língua menos deteriorada do que a que se pode encontrar hoje, de modo que sua descrição e análise, segundo teorias fonológicas mais recentes, permitirão identificar características que podem ter se perdido ao longo dos últimos anos e não serem mais perceptíveis na fala desta geração dos Krenak. Este recorte lingüístico possibilitará, assim, a construção de um material que ajude a resgatar parte da memória

² Informações apresentadas em mesa-redonda sob o título “O Tronco Macro-Jê e suas línguas mortas”, por Aryon Dall’Igna Rodrigues (UnB), no V Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê, ocorrido em São Paulo, entre 3 e 5 de maio de 2007.

lingüística deste povo, além de ampliar o material já existente e disponível sobre o Krenak.

Por outro lado, entende-se a necessidade de se realizar uma nova coleta de dados que expressem a realidade atual da língua, que servirá não só para a documentação da mesma, mas que irá também possibilitar a verificação das generalizações e hipóteses levantadas a partir da análise dos dados gravados. Uma transcrição fonética cuidadosa – com o auxílio de programas de computador para a análise acústica dos dados, como o Praat –, junto a um estudo fonológico com base na Fonologia não-linear é condição básica para a segmentação e identificação dos morfemas ou outros elementos gramaticais³.

A língua dos Krenak conta também com uma descrição fonética e fonológica feita por Silva (1985). O estudo baseia-se no modelo fonológico gerativo-transformacional de Chomsky, apresentado em *The Sound Pattern of English* (SPE, 1968), que considera os segmentos consonantais e vocálicos a partir da noção dos traços distintivos, o que acarreta algumas problemáticas que serão mencionadas mais adiante.

De acordo com fontes do ISA, desde 1995 até pelo menos 1998 os Krenak vêm juntando esforços para que as crianças voltem a falar o Borun. Atualmente, mesmo com todo trabalho de resistência do povo Krenak quanto à preservação de sua língua e sua cultura, associados aos projetos de educação entre os Krenak, que tem grande interesse em recuperar sua língua, o estado em que esta se encontra ainda é preocupante e até onde se sabe, carece de estudos mais abrangentes sobre os fenômenos internos da língua, que possam explicar melhor o seu funcionamento.

3. PROBLEMAS FONOLÓGICOS E MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA KRENAK E PERSPECTIVAS

Com o objetivo de estabelecer as relações entre os fenômenos fonéticos e fonológicos das línguas do mundo e explicá-las, várias foram as teorias fonológicas que surgiram ao longo dos tempos. Os modelos teóricos registrados na evolução dos estudos sobre a fonologia das línguas podem ser enquadrados em duas grandes classes: modelos lineares e modelos não-lineares.

Os modelos lineares ou segmentais analisam a fala como uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, com uma relação de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, com limites morfológicos e sintáticos. Este é o caso, por exemplo, da teoria gerativa clássica de Chomsky e Halle, que representou uma grande evolução nos estudos sobre a natureza e o funcionamento das línguas humanas (Kenstowicz, 1994).

Nos modelos não-lineares a noção de traço distintivo como unidade básica de representação e de análise da fonologia das línguas é fundamental. Os traços distintivos, definidos em termos de propriedades específicas de caráter acústico e articulatorio, são as unidades mínimas segmentáveis, que se combinam de diferentes maneiras para formar os sons das línguas humanas. Nestes modelos, as relações entre a fonologia, a

³ No entanto, vale enfatizar que não faz parte das metas deste projeto, até o momento, realizar estudos do tipo comparativo entre os dois diferentes momentos da língua, mas apenas uma pesquisa de caráter descritivo.

morfologia e a sintaxe são explicitadas como parte da estrutura hierárquica que caracteriza as línguas humanas. Dentre as abordagens teóricas não-lineares estão incluídas a **Fonologia Autossegmental**, a **Fonologia Lexical** e a **Fonologia Métrica** (Bisol, 2001).

De acordo com Wetzel (1995), a teoria fonológica clássica e a fonologia não linear podem ser enriquecidas através do estudo das línguas indígenas. Porém, a tradição acadêmica brasileira durante muito tempo foi orientada pelo estruturalismo americano e europeu, tendo como interesse primordial a análise fonêmica e deixando em segundo plano a compreensão da interação da fonologia com a morfologia no funcionamento das línguas. Segundo o autor “os estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras freqüentemente não contém uma análise morfológica completa, o que torna difícil para o não-especialista vir a compreender a parte da fonologia que interage com a morfologia”(Wetzel, 1995: 2).

Como consequência disto o autor justifica a participação menor que o estudo das línguas indígenas brasileiras têm desempenhado para a discussão teórica lingüística no âmbito mundial, apesar de sua grande potencialidade.

No caso do Krenak, esta problemática pode ser visualizada e gera alguns questionamentos que demonstram a necessidade de novos estudos fonológicos. Como já foi mencionado anteriormente, o Krenak apresenta um estudo fonológico com bases da fonologia clássica gerativa, no modelo linear de Chomsky e Halle. Em sua descrição, Silva (1987) considerou para o Krenak 6 segmentos vocálicos como unidades fonológicas:

/ i, ε, a, ɔ, ə, u /

Em audição preliminar dos dados Krenak, no entanto, foi possível perceber que a língua apresenta uma enorme variação na pronúncia das vogais. Em comunicação pessoal, Seki revelou já ter observado tal fenômeno. Outro argumento que corrobora com tais observações refere-se a características observáveis nas línguas do tronco Macro-Jê, que tipologicamente, costumam apresentar em seu sistema vocálico entre 9 ou 10 vogais (Davis, 1968). Tais observações levam a alguns questionamentos como: “Seria esta uma variação fonética ou fonológica?” ou “O que levaria a tamanha variação?”ou ainda “Será que não se estaria lidando, no caso do Krenak, com um sistema vocálico mais amplo do que aquele proposto em Silva (1987)?”

Outras questões são ainda levantadas sobre a fonologia Krenak. Silva (1987) reconhece algumas necessidades quanto ao estudo fonológico desta língua. A primeira se refere ao modelo teórico utilizado. Assim, enfatiza-se a problemática da inadequação deste modelo para realizar uma análise do sistema fonológico do Krenak: “(...) a teoria dos traços distintivos proposta em SPE não é totalmente adequada para caracterizar os segmentos vocálicos em Krenak como unidades fonológicas distintas” (Silva,1987:183).

A autora reconhece ainda que é preciso que haja um estudo na língua que trate dos aspectos prosódicos da língua, afirmando que “não nos detivemos aqui na análise de fenômenos como o ritmo e a entoação, embora saibamos que o desenvolvimento de

pesquisa nessas áreas oferecerá uma descrição fonética mais abrangente dessa língua” (Silva,1987:65).

No nível morfossintático, pouca coisa foi feita sobre o Krenak. Os materiais lingüísticos existentes não apresentam informações sobre a estrutura gramatical do Botocudo, consistindo basicamente em listas vocabulares bastante limitadas, sendo algumas com transcrição um tanto inadequadas (com exceção de Guérios, 1943; Manizer, 1915, *apud* Seki, 2004). Assim, este material não tem muito como contribuir para o conhecimento da gramática da língua.

Entretanto, conta-se com uma análise preliminar de aspectos morfossintáticos do Krenak, realizada por Seki (2004). No artigo, encontram-se informações e exemplos de orações independentes (declarativas, interrogativas e imperativas) na língua Krenák. No mesmo artigo, a autora distingue ainda as classes de Nome, Verbo, Advérbio, Pronome Demonstrativo e Partícula, identificando, entre outros aspectos, duas subclasses de verbos: os ativos e os descritivos.

Dentre as várias dificuldades para identificar o funcionamento de alguns elementos, Seki verificou problemas quanto ao uso das formas pronominais livres e as formas presas, que ainda não está claro. Segundo a autora os pronomes livres apresentam distintas formas para a 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e não singular. Na esfera da primeira pessoa não singular há distintas formas que podem ser interpretadas como inclusivas e exclusivas, sendo que as duas últimas parecem expressar uma distinção ‘dual/plural’.

	Formas Livres	Formas Presas
1ª. Pessoa Singular	ti ɥĩɥĩɥ	ɥg- ~ ɥge- ~ ɥgi- ~ ɥgii- ɥgĩɥ ~ ɥm-
2ª. Pessoa singular	huti ~ hoti	a- ~ ã ~h- ~hi
3ª. Pessoa singular	ɥãɥ	ki- ~ k- ~ hi- ~j- ~ ø
1ª. Pessoa Inclusiva	kiɥiɥ	
1ª. Pessoa Exclusiva	ɥgren niɥgren	
2ª. Pessoa Plural	ãndzuk	
3ª. Pessoa Plural	ɥãɥgren ãɥgren.	

A primeira coluna mostra as formas que costumam ocorrer como sujeito de verbos ativos e descritivos, sendo que algumas da 3ª pessoal do singular e a 1ª,2ª e 3ª pessoas do plural aparecem nos dados com função de objeto direto. Contudo aparecem também codificando o possuidor. As formas da segunda coluna são usadas para identificar o possuidor, e certos alomorfes da 1ª, 2ª e 3ª pessoas ocorrem como sujeito de descritivos e como objeto de verbos e posições.

Seki (2004) não objetiva tratar estas questões de forma conclusiva, mas sim, expressa que este trabalho deve ter continuidade no futuro e que seus resultados podem auxiliar no conhecimento acerca da família Botocudo em geral, além, claro, de contribuir para o conhecimento da própria língua Krenak.

Tendo em vista tais problemáticas, entre outras não mencionadas neste artigo, este estudo busca descrever aspectos da gramática da língua Krenak. Para isto, será feita, primeiramente, uma descrição da fonologia da língua Krenák, à luz das abordagens teóricas não-lineares.

Esta pesquisa pretende também descrever aspectos morfológicos (identificar classes de palavras e sua estrutura morfológica) e sintáticos (verificar a estrutura das sentenças simples e complexas, além de outros aspectos como a marcação de caso, sistema de referência, etc) da língua Krenak⁴.

São várias as contribuições que podem resultar deste estudo, ou seja, que une interesses tanto do mundo da ciência lingüística quanto da sociedade indígena. Acredita-se, assim, que esta descrição possa favorecer o debate científico internacional e que também sirva para ampliar a compreensão que se tem desta língua, única representante ainda viva do grupo Botocudo. Além disso, auxilia no desenvolvimento de estudos histórico-comparativos e tipológicos do Tronco Macro-Jê. Por fim, espera-se que esta análise traga frutos no que tange ao processo de recuperação da memória lingüística da comunidade dos Krenák.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BISOL, Leda (org.) (2001). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPURCS.
- DAVIS, Irvine (1968). "Some macro-Jê relationships", in: *International Journal of American Linguistics* 34.
- KENSTOWICZ, Michael (1994). *Phonology in generative grammar*. Londres: Basil Blackwell.
- RODRIGUES, Aryon Dall'igna (1986). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- _____. (2007). "O tronco Macro-Jê e suas línguas mortas", in: *Caderno de resumos do V Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê*. São Paulo: FFLCH/USP.
- SEKI, Lucy (1992). "Notas para a historia dos botocudo (Borum)", in: *Boletim do Museu do Índio*, Rio de Janeiro: Museu do Índio, n.º. 4.
- _____. (2004). "Aspectos da morfossintaxe Krenak: orações independentes", in: *Revista Liames*, Campinas, vol. 4.
- SILVA, Thaís C. A. (s./d.). *Descrição fonética e análise de alguns processos fonológicos da língua Krenak*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, UFMG.
- _____. (1987). "Um problema na análise fonológica dos segmentos vocálicos em Krenak", in: *Revista DELTA*. São Paulo, vol. 3, n.º. 2.
- WETZEL, Willem L. (1995). *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

⁴ É preciso não esquecer que o estudo da gramática da língua só será possível levando em consideração as limitações características devido à condição em que se encontra a língua.